

INSTITUTO VICENTINO DE FILOSOFIA

VALDECI BENTO DOS SANTOS

FILOSOFIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

CURITIBA - 2000

INSTITUTO VICENTINO DE FILOSOFIA

VALDECI BENTO DOS SANTOS

FILOSOFIA PRÁTICA PEDAGÓGICA

TRABALHO APRESENTADO PARA
CUMPRIMENTO DA DISCIPLINA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO DE FILOSOFIA.

CURITIBA - 2000

TERMOS DE AVALIAÇÃO

**“UMA EDUCAÇÃO SEM ESPERANÇA
NÃO É EDUCAÇÃO.”**

Dedico este trabalho à Minha Mãe.

Meu agradecimento especial
xxxxxxxxxxxxx

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONCEITO E FINALIDADE DE EDUCAÇÃO	10
2 CONCEITO E FINALIDADE DE FILOSOFIA	18
3 ENSINO FUNDAMENTAL E AS LEIS QUE O REGEM; TEORIA E PRÁTICA	27
3.1 TEORIA.....	27
3.2 PRÁTICA	32
4 FILOSOFIA E EDUCAÇÃO.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
BIBLIOGRAFIA	47

INTRODUÇÃO

Nota-se que de uma maneira ou de outra estamos sempre envolvidos na educação. seja aprendendo, ensinando ou realizando as duas coisas ao mesmo tempo. Isso nos mostra como a educação é algo de grande importância. Por isso deve ser levada a sério.

Entretanto, temos um sistema educacional que pouco corresponde à realidade das pessoas. A escola, sobretudo a da Rede Pública, não oferece condições para um aprendizado que venha promover a liberdade e a cidadania.

Por outro lado, temos pessoas acomodadas com essa situação, ou que se acham impotentes em lutar por uma transformação desse quadro. Falta a essa, uma visão da realidade da escola e da sua atuação em meio à educação.

Educar para uma consciência crítica é um dos caminhos que a escola precisa percorrer. E isso não parte dos governantes, pois, quanto mais o povo for alienado, mais fácil será de manipulá-los. Assim, são os professores, os alunos e a comunidade que devem se mobilizar em prol de uma educação mais justa, reivindicando daqueles que tem o poder a obrigação de favorecer uma escola para todos e de boa qualidade.

Conhecer e refletir a realidade para melhor agir: eis a proposta deste trabalho, a qual se dirige às pessoas que acreditam ser a educação um meio de transformar a sociedade.

Por ser um assunto bastante amplo e rico, torna-se difícil apresentar um trabalho completo. Mas, essas mesmas razões fazem proveitosa qualquer reflexão que sirva como ponto de partida para uma elaboração melhor.

Didaticamente o trabalho está dividido em quatro partes: as duas primeiras destacam o conceito e finalidade de Educação e Filosofia, respectivamente; a terceira parte mostra a educação brasileira ; principalmente a Escola de Ensino Fundamental quanto à sua teoria e prática.

A relação entre estes temas das três partes, visa uma quarta parte a qual desperta uma visão crítica à cerca da educação em seus vários aspectos, e a partir disso refletir a educação que temos, avaliando a nossa posição frente à realidade que urge uma transformação.

1 CONCEITO E FINALIDADE DE EDUCAÇÃO

Definir educação é tão complexo quanto ao ato de educar. É um conceito amplo, que envolve vários pontos de vista, estando portanto, sujeitos a críticas e modificações. Pois a educação é um fenômeno que abrange todos os povos; cada um a vê do seu modo; desenvolve segundo o seu costume e valores; recebe ou rejeita de acordo com as suas necessidades.

Nota-se que por outro lado, a educação é sempre marcada pela superioridade dos mais sábios sobre os menos instruídos; dos mais velhos sobre os mais novos; dos mais fortes sobre os mais fracos ; há sempre um que domina e outro que é dominado. Seja se falando de pessoas, sistemas, culturas, etc. Desse modo, os pais são superiores aos filhos, professores educam alunos, reis submetem nações, caciques comandam tribos. A tradição é norma para hoje, civilizações se impõem às outras, e daí por diante.

*verbo "educar" vem do latim "educare", que significa "promover a educação; transmitir conhecimentos"*¹. O termo "educação" (latim: educatione) corresponde a: "ato ou efeito de educar e de educar-se." ² Embora essa idéia possa ser aplicada universalmente, a história nos mostra que sua finalidade assume rumos diferentes, de acordo com a época e as pessoas que fazem uso.

Percebe-se que na antigüidade oriental a educação já se caracterizava em ser diferente entre os povos. Na Índia, era norteadada pela posição que os indivíduos tinham na sociedade. Assim a sociedade indiana era dividida em

castas (camada social pela qual as pessoas são unidas pela hereditariedade, obrigatório). Ainda eram educados, pela tradição a exercerem as mesmas atividades religiosas e profissionais. Outro exemplo de educação desse período é a China, pela qual, a preocupação estava voltada para o homem viver em função da sociedade. A prática das virtudes morais, a tolerância e a moderação eram, requisitos para que se formasse bons dirigentes para a sociedade.

Vemos que as experiências deixadas pelos ancestrais, eram portanto, modelos para os educadores e educandos. No ocidente, na idade antiga, a educação era entendida e praticada de modos diferentes, e visava também objetivos distintos, chegando a ser totalmente antagônica entre o mesmo povo, como é o caso de Atenas e Esparta, na Grécia.

A educação ateniense estava voltada para o aprimoramento da razão; A individualidade era respeitada bem como a liberdade política; sendo uma educação considerada democrática para a época. Buscava-se equilibrar o físico com o espiritual. Esparta, por sua vez, tinha como prioridade a preparação do indivíduo para a guerra. Assim tudo o que se aprendia era de cunho militar. Valorizava-se a disciplina, a força física, tudo o que proporcionasse a formação de guerreiros. Até as mulheres eram preparadas para gerar bons filhos, capazes de responderem às exigências militares

Notamos que outro exemplo de educação ainda nesse período é a educação romana. Esta, tinha por fim a integração do indivíduo na sociedade. por isso dava grande valor às virtudes do cidadão em detrimento da individualidade. A

meta da educação romana era a "Escola do retórico" com o objetivo de proporcionar no aluno uma preparação para a arte de falar.

Na Idade Média a educação foi marcada por idéias religiosas. Tudo se fundamentava no cristianismo, as coisas do espírito assumiam maior importância. Havia uma visão teocêntrica de mundo. A Igreja Católica foi a principal influente na difusão dessa mentalidade.

Vemos que no Renascimento, a educação começou a seguir caminhos diferentes dos medievais. A cultura greco-romana foi recuperada em alguns elementos; buscou-se valorizar o humano, conduzindo os interesses para os bens materiais, sendo secundárias as idéias espirituais. Com isso aconteceram muitas descobertas científicas que substituíram a estrutura teológica pensada na Idade Média.

Como vimos nestes exemplos históricos, a educação diverge entre os povos e épocas, tendo finalidades diferentes ou opostas. Nesses dados, é marcante a preocupação em desenvolver um determinado aspecto do indivíduo. Para alguns é importante o social, para outros é preferível o individual; uns se preocupam com o corpo, outros com a alma. Há que priorize a estética. Existe também os que se voltam para a ética. Houve tempos em que predominou a tradição. Também houve quando se negou a esta em função das descobertas feitas.

A educação contemporânea, entretanto, não absolutiza nenhum desses aspectos. Nem tão pouco se restringe a alguma descoberta. Existe uma nova visão.

*"Consciente da complexa capacidade e riqueza da natureza humana, os educadores contemporâneos revelaram-se profundamente interessados no desenvolvimento da personalidade global do indivíduo. Desta maneira, as correntes educacionais contemporâneas defendem de maneira geral, que a finalidade da educação é ajudar no desenvolvimento harmonioso da personalidade. Trata-se da educação para o ajustamento do homem no meio em que vive, para que ele saiba aceitar, compreender e reagir de modo adequado às circunstâncias físicas, sociais e culturais do seu ambiente."*³

Vemos que desse modo os objetivos da educação no decorrer da história são bastantes diferentes, pois refletem o contexto social, político e econômico de cada época, bem como as necessidades das pessoas nesses períodos.

Todavia, o que a História da Educação nos mostra diz respeito quase somente à educação oficialmente falando. Retrata, pois, uma educação praticada por uma minoria; pelas classes que aparecem na história, ficando muitas outras práticas desconsideradas ou desconhecidas entre outros povos.

Segundo o Dicionário Aurélio, educação significa de forma geral, transmitir conhecimentos, o que nos permite entender que a educação sistematizada não é a única capaz de realizar isso. Todos os povos, conhecendo ou não a escrita, considerados ou não civilizados, possuem maneiras de ensinar seus valores, costumes, tradições, sua cultura aos seus semelhantes.

Percebemos que se considerando a educação no processo histórico, a qual é praticada pelos povos "civilizados", concluímos então ser este um fenômeno bastante variado, mas diferente será se levarmos em conta as práticas dos mais diferentes povos, que também possuem sua cultura, e a passa de um modo próprio. E para melhor entendermos a isso, vejamos um exemplo histórico

em que nos mostra a diferença entre a educação entendida pelo índio e a entendida pelo homem civilizado.

Há muitos anos, durante a solenidade de um acordo de paz, realizado nos Estados Unidos por Virgínia e Marx Land com os índios das seis nações, os governantes dos brancos civilizados passaram aos índios uma carta, convidando-os para participarem de suas escolas. Os chefes indígenas responderam ao convite nesses termos (eis o trecho mais interessante):

"Nós estamos convencidos, portanto, que os Senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações se tem concepções diferentes das coisas, e sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa idéia de educação não é a mesma que a nossa. (...)

Muitos de nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência; mas quando eles voltaram para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da selva, incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam caçar o veado, matar o inimigo e construir a cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros. Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta, e embora não aceitando, para mostrar a nossa gratidão, oferecemos aos senhores de Virgínia que envie alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens." ⁴

Esse exemplo nos mostra que nem tudo que é importante para um povo, poderá ser para outrem. Assim, a educação de um não é a mesma educação de outro. Vemos que isso nos leva a entender que a educação acontece em todo lugar, não tendo uma forma única, nem um modelo que sirva para todos. Assim entendido: *"a escola não é o único lugar em que a educação acontece."* ⁵ Acredita-se também que a mesma não será o melhor. Pois o ato de educar está

presente em todas as culturas, mesmo que não compreendam o significado de educação. basta vermos na família. Muitas vezes temos costumes bem diferentes do que se ensina da escola, o que significa ser também a família um lugar onde também nos educamos.

Considerando assim, não podemos ignorar ou negar ser educação aquilo que também se aprende fora da escola ou que é praticado por povos que não fazem uso ou não conhecem o sistema de educação formal. É verdade que existem práticas não educativas, mas não me refiro a isso, sim, a muitos valores que a escola pouco estimula, como por exemplo: a arte vivida por pessoas que não conhecem o ambiente escolar.

Não pretendo negar aqui o valor ou a função da educação sistematizada, mas de ver a educação além disso, Trata-se então, de enxergar a grandeza da educação; nunca de empobrecê-la.

Percebendo como a educação varia conforme a época, contexto histórico e necessidades das pessoas, notamos também os limites que a escola possui quando não leva em conta essa dinâmica. A escola que muitas vezes, transmite conhecimentos prontos e acabados, descontextualizados da realidade e fora das necessidades dos educandos; que rejeita experiências e vivências extra-classe, impondo seus conteúdos e suas normas, ignorando sua própria função de educar.

Vemos, entretanto, que a escola constitui o nosso primeiro referencial em se tratar de educação. Relacionamos pessoas educadas com livros, títulos, etc. e com isso fechamos os olhos para os que não se incluem nesse quadro. Tratamos

os não escolarizados de "burros", "rudes" e ignorantes, quando na verdade, deveríamos vê-los apenas como diferentes.

Concluimos então, que a educação é um fenômeno ou um processo mutável, dinâmico e diversificado. É algo inseparável da vida e por isso necessita ser renovada e adequada às diferentes culturas; que se busca de modo geral transmitir conhecimentos. Esses não são iguais para todos, nem quanto a forma, nem quanto ao conteúdo; também não possuem a mesma finalidade ao serem passados.

Podemos aprender de modo informal ou formal, nos submetendo a uma prática de submissão ou de liberdade, que poderá ser vista como certa ou errada, dependendo de quem ver. Nota-se que se considerando a educação como um meio ou um fim, estaremos construindo uma sociedade democrática ou autoritária, que tenha interesse em renovar ou ser uma contínua repetição das coisas e idéias. Cabe a nós, portanto, tomarmos consciência disso, assumindo uma posição crítica nesse quadro dicotomizado, seja como professor ou como aluno, ou mesmo como as duas coisas. *"A educação é fundamental para a humanização e sociabilização do homem (...) é um processo que dura a vida inteira, e que não se restringe a mera continuidade, mas supõe a possibilidade de rupturas pelas quais a cultura se renova e o homem faz a história."*⁶

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. p 619.

² FERREIRA, p 619.

³ COTRIM, Gilberto e PARISI, Mário. **Fundamentos da Educação**. p 20.

⁴ BRANDÃO, Rodrigues Carlos. **O que é Educação**. p. 8-9.

⁵ BRANDÃO, p. 9.

⁶ ARANHA, Maria Lúcia de. **Filosofia da educação**.

2 CONCEITO E FINALIDADE DE FILOSOFIA

Como vimos no capítulo anterior, o conceito de educação é bastante amplo e complexo. E nas reflexões sobre a educação sistematizada notamos também ser esta diversificada e, embora sendo bastante útil, carrega ineficiências marcantes, sobretudo nas séries iniciais.

Isso equivale dizer que para ser um educador precisamos ter um tanto claro esse quadro para não repetirmos ou reproduzirmos a ideologia, ou mesmo, os erros presentes na maneira de ver, ensinar e receber a educação. nota-se que todavia isso não é fácil praticar, pois vivemos imbuídos num sistema (social, político, econômico) que limita bastante essa visão; fomos formados dentro de uma cultura que nos condiciona esse modo comum de ver a educação: alguém ensinando (o professor) e outros aprendendo (alunos); essa relação que acontece numa sala de aula, onde através de livros, aprende-se muita coisa importante para a vida.

Mas pouco nos preocupamos em nos perguntar qual a finalidade e as razões de tudo isso. Vemos que como alunos recebemos um amontoado de informações que na maioria das vezes são desinteressantes e desnecessárias para nós. como professores, transmitimos uma série de conteúdos, preestabelecidos, dos quais pouco nos preocupamos com os fundamentos para a vida.

Nota-se que, se temos dificuldades de realizar tal avaliação, mais raro ainda é nos posicionarmos "acima" do nosso espaço através de perguntas, como: o que é ensinar? Será que podemos ensinar a alguém? Quando é que aprendemos? O que precisamos aprender? Qual é a importância do que a escola ensina? Isso serve para a vida? Como deveríamos viver?

Não tenho a pretensão de responder a estas perguntas, com elas, quero apenas exemplificar o quanto temos de questionamentos que deveríamos fazer. Também se fosse o caso de responder, seria a minha resposta, e não "a" resposta.

Percebe-se que as considerações feitas até aqui evidenciam a necessidade de formarmos uma visão crítica de nós mesmos, dos outros, do mundo e, especificamente da educação. porém, para se realizar algo é preciso que disponhamos de meios. Podemos aprender casualmente, mas isso nem sempre funciona. É fundamental termos uma orientação, não para nos dizer tudo (pois ninguém diz), mas para nos encaminhar em busca de caminhos próprios. Aqui me refiro à filosofia como um meio de trabalharmos melhor a nossa visão das coisas, e é claro, da educação. *"o ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública"*¹

Deve-se ficar bem claro que não venho indicar o estudo de filosofia para os interessados em educação. ela já é parte integrante nos cursos de pedagogia, magistério e outros da área; sendo que nos dias de hoje, a partir do decreto-lei fixado e estabelecido no ano de 1999, ela passou a ser matéria obrigatória em todas as escolas. Não se trata disso; mostrar a filosofia simplesmente como

"matéria" de estudo seria empobrecer o seu conceito. Aliás, esse é um dos motivos das limitações de muitos e muitos educadores que vêem a Filosofia como uma mera disciplina a ser estudada, a qual fazem provas, e pronto... E com isso a enquadram no mesmo âmbito das outras: nos livros, ao invés de consultar a si mesmo.

Todavia a filosofia não nasce da consulta aos livros. Não surge de pesquisas em bibliotecas. Não foi uma resposta. A Filosofia se origina na praça pública, a partir do contato entre as pessoas e estas com a realidade. A Filosofia não nasce respondendo, mas perguntando, não afirma, questiona.

Tomemos o exemplo de Sócrates para sentirmos como se dá o filosofar em suas origens, cujos procedimentos são ainda bastante úteis.

Sócrates viveu em Atena no século V a.C. Sua pessoa é sempre ligada, ou melhor, associada com a filosofia, pois considera-se como "Pai da Filosofia". Admirado por muitos, assim como também odiado, Sócrates impressionava as pessoas pela sua maneira de conversar. Posso dizer conversar, pois a filosofia que dele herdamos não existe uma só linha escrita pelo mesmo. Nota-se que o que dele sabemos devemos a outros personagens da filosofia, como por exemplo, Platão.

Vejamos que Sócrates não atuou em nenhuma sala de aula, nem utilizou livros; não escolheu ouvintes e nem julgou ensinar nada - Partiu do princípio de que nada sabia. Para ele o que interessava era perguntar. Responde perguntas com perguntas. Sócrates não foi professor. Foi apenas filósofo, isto é, amigo da sabedoria, como ele mesmo afirmou; mas não julgou possuir a sabedoria. Ele

apenas a buscava. E essa busca acontecia em liberdade, na praça pública da Pólis grega junto à juventude. *"Com talento, fibra e coragem ele se entregou a esta missão por toda sua vida. A história não explica como Sócrates adquiriu sua vasta cultura e educação. não teve mestres que o orientasse, mas apesar disso estava plenamente consciente das idéias de todos os grandes pensadores que o antecederam."*²

Por essas características de Sócrates podemos fazer algumas considerações do que vem a ser filosofia. Antes porém, Vale esclarecer que isso é uma simples caracterização do filósofo, pois não faz parte desse trabalho monográfico se estender na História da Filosofia.

Retomemos alguns pontos a respeito de Sócrates. Primeiro: Ele não está em sala de aula. Aqui, vendo do âmbito educacional, temos uma atitude de liberdade. O "ensino" acontece na praça, onde há situações variadas, pessoas em movimento, questionando, refletindo a realidade da Pólis, ou seja, da própria cidade onde vivem. Segundo: Sócrates não utiliza livros. Isso nos mostra que a realidade em si já constitui excelente conteúdo (claro que não devemos absolutizá-lo, mas termos como ponto de partida). Terceiro: Sócrates não escolhe ouvintes, o que devemos e podemos dizer que a dignidade humana supera as divisões sociais, culturais, políticas, etc... Quarto: vendo Sócrates como educador, vemos também que a superioridade do professor não existe, ao termos em conta que ele não está ensinando, mas perguntando; construindo o conhecimento, buscando a verdade.

Percebe-se que tomar o exemplo socrático na educação não significa retroceder na antigüidade, mas reconhecer que certos aspectos da prática educativa tem lá seus fundamentos válidos; e por incrível que pareça, estão sendo retomados atualmente como meios da nova pedagogia, porém pouco praticados.

A partir disso concluímos que a prática educativa não se restringe a uma sala de aula, mesmo que esteja devidamente equipada com computadores, com internet e outros meios de última geração. É preciso que se vá às praças, e que se veja a realidade "ao vivo". Assim também, os livros não podem ser tomados como os únicos meios para se obter o chamado "conhecimento" .

Nota-se que não estou defendendo a abolição do livro na educação, mas questionando a absolutização desse, como forma de conhecimento. Vale ainda dizer que o professor deve corrigir sua postura, tomando consciência de que é também um aprendiz. Por isso deve deixar de passar o conhecimento como uma receita, mas construí-lo em conjunto com os educando. Tanto por uma estratégia pedagógica, como por reconhecer que os alunos não são seres desprovidos de idéias, de conhecimentos que precisam ser preenchidos. Deve vê-los como portadores de ricas experiências das quais são úteis à educação. " *Deixando de lado os métodos de educação puramente mecânicos, planejamos organizar uma educação direta (...) ligada realmente à cultura*".³

É dentro desta perspectiva que o professor pode aprender do filósofo, e a prática pedagógica precisa caminhar; Pois assim como o filósofo, o educador deve ser alguém que procura questionar, construir, inovar. Isso equivale dizer que

é preciso partir da realidade do cotidiano, vendo o que de fato constitui esta realidade.

Para muitos ele será uma presença incômoda; alguém que altera as ordens das coisas, sendo visto como subversivo. Contudo, este deve estar longe de ser alguém que dita as regras ou que impõe suas opiniões, pois, agir filosoficamente consiste também em ser humilde, como dissera Sócrates: "Sei que nada sei". Então é interessante termos algumas características da Filosofia para não correremos o risco de tomá-la como instrumento de dominação, mesmo que a intenção não seja essa.

A Filosofia não é um saber acabado, com um determinado conteúdo, não é um conjunto de conhecimentos estabelecidos de uma vez por todas. Por isso, ter uma posição filosófica frente a uma realidade, não é, de modo algum sinônimo de uma posição "verdadeira" . e no que diz respeito à posição do educador, que age filosoficamente, esse não deve reconhecer-se como dono do saber ou como modelo de consciência crítica alguma.

Convém esclarecer que a filosofia não deve ser confundida com a ciência. Embora ambas já caminharam juntas a ponto do filósofo ser considerado o mais sábio dos homens. A Filosofia, todavia, vem a ser uma maneira diferente de abordar o real. A distinção mais clara é que a ciência trabalha seu objeto fazendo juízo da realidade (mostra a coisa como ela é), enquanto que a Filosofia faz juízo de valor (questiona a coisa como ela é, e propõe como a mesma deveria ser). Inclui-se ainda entre o papel da filosofia e da ciência frente ao seu objeto de estudo, é que esta toma apenas uma parte do todo, na qual se especializa, e

aquela trabalha uma visão conjunta do que é estudado separadamente. Em outras palavras, interessa à ciência estudar a realidade em partes separadas, enquanto que para a Filosofia o importante é ter uma visão da totalidade e de como as partes se relacionam dentro desse todo. *"A filosofia quer conhecer a natureza profunda das coisas; usa causas supremas e seus fins derradeiros (...) os problemas da ciência não são os mesmos da Filosofia"* ⁴

Quanto à maneira que se processa o filosofar, podemos dizer que *"a Filosofia é uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto"*⁵. Radical, por investigar as raízes do que é problematizado; Rigoroso, por fazer uma investigação através de um método; de conjunto, por trabalhar a Totalidade dos fatos.

Essas características fazem com que a Filosofia seja muitas vezes vista como perigosa (Já chegou até ser retirada do curso secundário), capaz de alterar a ordem das coisas, do pensar e do viver. Por isso, muitos preferem não estudá-la. *"Se eu a compreender terei de alterar minha vida; adquirirei outro estado de espírito, verei as coisas a uma claridade insólita, e terei de rever meus juízos. Melhor não pensar filosoficamente"*⁶ desse modo, preferem seguir seus convencionalismos, as suas razões, as funções e utilidades das coisas, sem correr o risco de julgar os valores. Como contrários da Filosofia, acabam por criar uma ideologia a qual os leva aceitar as verdades tais e quais ao invés de buscá-las. Estes vêem a Filosofia como *"perturbadora da paz"*. ⁷

Assim, a Filosofia nos educa a vermos as coisas além do como se apresentam, também o educador (que nela acredita) é convidado a conceber a educação além daquilo que já está estabelecido, e sem medo, se empenhar para

que essa venha promover a emancipação do saber de uma maneira igualitária e libertadora entre as pessoas.

NOTAS DE REFERÊNCIA

-
- ¹ LDB 938 sobre a obrigatoriedade da filosofia nas escolas
- ² Cotrim, Gilberto e Parisi, Mário . **Fundamentos da Educação**. ed Saraiva, p. 103.
- ³ Freire, Paulo . **El Mensaje de Paulo Freire - Teoria e Prática de la liberación**, pg 57
- ⁴ R. Jolivet. **Curso de Filosofia**.ed. Agir, pg 14
- ⁵ SAVIANI, Demerval: **Educação brasileira estrutura e sistema**. Pg 68. In : Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins. *Filosofando, introdução à filosofia* pg 74-75
- ⁶ JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento Filosófico*. Pg 138
- ⁷ JASPERS, Karl, pg 138

3 ENSINO FUNDAMENTAL E AS LEIS QUE O REGEM; TEORIA E PRÁTICA

3.1 TEORIA

Depois de refletirmos a amplitude da educação e a sua relação com a Filosofia, cabe-nos agora olharmos a nossa educação; como ela se encontra organizada - o que nos leva a olharmos dois aspectos: o que temos sobre a educação em relação à lei e como essa acontece (ou não acontece), isto é, a teoria e a prática. Nesse capítulo veremos a teoria, em um primeiro momento, fazendo menção após, sobre a pouca prática desta educação constatada na lei

Entretanto é preciso que fique claro que a educação a que se refere nesse trabalho, no contexto de educação do Brasil, trata-se mais da escola de ensino fundamental da rede pública de ensino; levando em consideração que a educação como tal, seja da rede pública como da rede particular, são encaradas num mesmo nível no que concerne à LDB.

Outro aspecto que também convém esclarecer é que a educação no Brasil tem a sua história e, que nessa tem acontecido inúmeras mudanças; com progressos e declínios. Assim, houve também muitas leis, constituições que marcaram a educação.

Embora isso seja de grande importância, não será incluído nessa discussão; o que mais importa aqui é a educação na atualidade. Isso não significa

negar a importância da história para compreensão do hoje, mas por uma questão de objetividade, vamos considerar a educação a partir da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996.

Percebe-se que o artigo 2º da LDB, apresenta a educação como *"dever da Família e do estado. Inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando. Seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho"*¹

O artigo 3º apresenta os princípios que servirão de base para o ministrar da educação.

- " I. Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;*
- II. Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;*
- III. Pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;*
- IV. Respeito à liberdade e apreço à tolerância;*
- V. Coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;*
- VI. Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais*
- VII. Valorização do profissional da educação escolar;*
- VIII. Gestão democrática do ensino público, na forma desta lei e da legislação dos sistemas de ensino;*
- IX. Garantia de padrão de qualidade;*
- X. Valorização da experiência extra escolar;*
- XI. Vinculação entre a educação escolar, trabalho e as práticas sociais. "*²

Notamos que tanto os objetivos quanto os princípios em que se fundamenta a educação brasileira são, na maneira como estão escritos, indubitavelmente necessários a um país que tem na democracia sua principal característica política.

Desse modo a sua lei maior - a constituição - oferece uma educação sendo direito de todos; não permite que fique fora da escola pessoa alguma; na escola deve ter lugar para todos e todos devem ter na escola o seu lugar. Além disso, o próprio estado se responsabiliza para possibilitar a todos uma educação integral (formação intelectual, física, etc...) da qual o sujeito assume sua própria história, tendo lugar na sociedade para uma vivência digna.

Os indivíduos devem ter uma escola onde possam se expressar; tenham material para manipular, e possam construir e ampliar seus conhecimentos a partir dos meios que a escola oferece. A inclusão na escola privada não deve ser feita por uma questão de qualidade, mas por opções pessoais (talvez, religiosas, filosóficas), pois em ambas deve-se encontrar profissionais competentes e qualificados, prontos a oferecer um ensino de qualidade e num clima de liberdade.

Vemos que ainda segundo a referida lei, em seu artigo 4º, o Estado assume outras obrigações frente à educação como:

- I. O ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;*
- II. Progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade do ensino médio;*
- III. Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino;*
- IV. Atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade;*
- (...)*
- VIII. Atendimento ao educando, no ensino fundamental público por meio de programas suplementares de material didático-escolar - transportes, alimentação, e assistência à saúde;*³

Ainda está incluído nessa diretrizes, aspectos relacionados aos conteúdos, às verbas para a educação e um *"plano nacional de educação; de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e a integração das ações do poder público"* ⁴ que visa erradicar o analfabetismo, universalizar o atendimento escolar, melhorar a qualidade de ensino; formar profissionalmente e promover o senso humanístico, científico e tecnológico no país.

"Numa breve introdução considera-se desejável um amplo processo de consultas e debates, o que no entanto, é tido como inviável pela rigidez dos prazos, limitação que se pretende contornar através da recuperação, como 'Subsídio básico à elaboração do PNE'" ⁵, uma vez assumido os seus deveres para com a educação segundo às prescrições da lei, o estado colocará à disposição dos brasileiros escolas suficientes para todos, de boa qualidade (que não seja necessário recorrer-se ao ensino particular).

E, se a escola é tida como obrigatória até certa idade (14 anos), será totalmente inadmissível alguém fora da escola, por não querer estudar e ficar fora do ensino por falta de oportunidade.

Dentro dessas determinações da lei, fica também explícito que o ensino deve ter uma forma diversificada, vindo a atender as diferentes necessidades da população. Com isso ninguém ficará fora da escola por depender de um ensino diferenciado, pois a lei dá preferência também ao ensino especializado.

Nota-se que nessa perspectiva ninguém se sentirá discriminado quanto à oportunidade de aprender pelo fato de ser portador de uma deficiência física ou

mental. Também os que não puderam realizar os estudos em tempo regular terão ao dispor uma escola que recupere o tempo perdido - o ensino supletivo - e os que tem o dia preenchido com o trabalho estudarão à noite, pois haverá escola também nesse horário.

A lei permite ainda o desenvolvimento das habilidades artísticas e incentivo, o que se compreende que a escola oferecerá ao aluno atividades variadas, tendo, com isso, ambientes especializados para a realização de tais atividades.

A gratuidade da escola não será apenas no que se refere ao ensino em si, mas também nos meios (material) para que o ensino-aprendizagem aconteça. Assim o aluno não gastará com material didático, transporte e ainda terá na escola alimentação e acompanhamento médico.

Os pobres que não se alimentarem adequadamente em casa poderão completar a sua dieta na escola e ter a sua saúde acompanhada, para que o estudo não seja impossibilitado por falta de disposição física.

E uma vez erradicado o analfabetismo - como consta na lei - não haverá falta de oportunidades na sociedade para as pessoas por causa de não-escolaridade, mas todos terão acesso à cultura, pela qual poderão ser sujeitos de si próprios, da sociedade em que vivem e desfrutem dos meios que a própria sociedade oferece além de se tornarem criadores de novos meios.

Essa reflexão sobre o que poderia ser a escola, caso a lei fosse cumprida, não é uma utopia. É, na verdade, o que de fato poderia existir. Pois a lei não foi feita para ser guardada, mas para ser posta em prática.

Por isso, mais do que propostas louváveis, precisamos de ações concretas. Pois se o Estado realmente cumprisse os deveres mencionados, teríamos em pouco tempo uma nova realidade educacional no País, bem diferente da atual, em que a maioria da população sequer completa o Ensino Fundamental. *"Resta à sociedade, em especial aos trabalhadores e a suas entidades representativas, permanecer a postos na exigência do cumprimento de tais obrigações pelo Estado e da extensão das mesmas, mediante a conquista de um ensino público e gratuito para todos em todos os níveis."*⁶

É sobre essa contradição que faremos menção a seguir.

3.2 PRÁTICA

Notamos que para realizarmos uma prática, sempre partimos de uma idéia, uma teoria. É na teoria que está presente o fundamento de uma ação. Mas, uma vez não acontecendo coerência entre estes dois momentos, uma nova realidade passa a ser criada. Surge uma outra idéia da teoria que esperávamos ser concretizada, há uma contradição.

É esta praticamente a dinâmica da educação brasileira, principalmente da rede pública de ensino, da qual me refiro neste trabalho. Uma alarmante contradição entre o que está proposto nas leis e o que acontece na vida da escola, ou melhor, das pessoas que não tem ou tem mal, a escola em suas vidas.

Segundo os princípios contidos nas leis educacionais vigentes, a escola é, em suma, democrática e aberta a todos. O ingresso do indivíduo na escola não depende de privilégios, sendo igual oportunidades para todos, o que na verdade

não vem a acontecer. "Existe um abismo entre essas promessas e a realidade, entre as intenções e os fatos, entre o que a escola deveria ser e o que de fato ela é."⁷

Apesar dos princípios "bonitos" propostos na lei, a situação das pessoas que pertencem ou que precisam da escola é de verdadeira insatisfação. Os pais reclamam a falta de vagas para os filhos, os baixos resultados obtidos por estes; reclamam também da falta de material didático, dos gastos que acontecem com uniformes e materiais em geral, sendo às vezes necessário pagar uma "taxa" como alternativa para que a escola continue funcionando. Também é motivo de insatisfação das famílias o insucesso dos seus filhos - muitos deles deixam a escola, outros vivem em constante repetência. Ainda reclamam do descompromisso de muitos dos professores, os quais não assumem verdadeira responsabilidade com seus filhos.

Nota-se, que os alunos, por sua vez não se sentem bem com a escola. Sentem-se num mundo diferente o qual ignora suas experiências, impede sua espontaneidade, impõe coisas, cuja razão não encontram em suas vidas; imaginam *"que a escola não foi feita para eles (...), é um lugar no qual eles não se sentem à vontade. mesmo aqueles que, fora da escola são faladores, espertos, curiosos e alegres, dentro da sala de aula vão ficando calados, passivos e tristes."*⁸

Também não entendem o que diz a professora; sentem-se pressionados pelo autoritarismo da mesma; são acusados de falarem errado; a professora para eles é alguém que ameaça, castiga, reprova, e que os leva a ficarem agressivos,

indisciplinados, com complexos de inferioridade. Resultado : acham-se fracassados e por isso desistem.

Mas os professores também carregam a marca do "quadro negro" em que vive a escola. Eles também possuem inúmeros motivos para reclamarem: sentem-se mal preparados, sobrecarregados de trabalho, pois precisam ensinar em várias turmas e horários para multiplicar o salário, sabendo-se que este é muito baixo. Enfrentam turmas superlotadas, somadas à péssimas condições físicas de trabalho, falta de material didático, programas extensos a serem cumpridos, e ainda recebem o baixo salário muitas vezes atrasados. E em meio a isso, como defesa *"eles adotam por vezes, uma atitude autoritária em relação aos alunos e aos pais, ou então entregam pontos e se desinteressam da sorte de seus alunos."*⁹

Os reflexos dessa situação degradante em que a escola se encontra são evidentes na sociedade. temos assim, uma população desinformada por não ter acesso ao ensino, ou manipulada e alienada por ser submetida a uma escola que não cumpre o seu papel de educar.

Percebe-se que isso se desdobra pelo campo político, econômico, cultural, social, e enfim descaracteriza o povo em sua dignidade, ou lhe dá uma outra característica que lhe é indigna; pois sem acesso ao conhecimento ou com o conhecimento filtrado e mal transmitido, essas pessoas acabam por desconhecerem os seus deveres de cidadãos. Como desconhecem também seus direitos, não participando autenticamente da política, sendo na maioria das vezes

objeto de manipulação de políticos oportunistas e descomprometidos com o seu papel.

Vemos que , economicamente, as pessoas sem instrução são excluídas dos mercados de trabalho submetendo-se ao subemprego, quando não desempregadas e marginalizadas. Em conseqüência, as alternativas de vida buscadas, fogem dos princípios legais - roubos, narcotráfico, contrabando de materiais, etc... - custando-lhes penas que, no fundo, são desmerecidas, pois o problema da pobreza não está nela, mas na sociedade que a produziu.

A desinformação, ou melhor, as más informações, ainda causam nas pessoas a inautenticidade frente aos seus valores. São envolvidas numa cultura de massa, a qual impõe seus valores e padrões; manipulam suas escolhas, definem suas opções com propagandas e sensacionalismos, induzindo-as a absorverem uma produção da qual não necessitam para viver autenticamente.

Desenformado ou mal informado, o povo torna-se manipulado e excluído da sociedade competitiva. Cada vez mais sobrevivem em condições precárias de moradia, saúde e nutrição. Passam a aumentar na sociedade uma camada "negativa" que, teria grande produção caso o nosso sistema fosse mais justo, a começar pela educação.

O dia-a-dia (para quem quer enxergar) nos mostra bem claro essa realidade da educação brasileira e suas implicações; mas, para notarmos com mais precisão, vejamos em dados, alguns pontos que a estatística apontou nos últimos anos.

De acordo com os dados do Banco Mundial, o Brasil só investe 3% do seu PIB (Produto Interno Bruto) na educação; somente 20% desses recursos chegam à sala de aula. "os 80% restantes se perdem na burocracia e na corrupção" ¹⁰ . O que faz a educação ser incluída entre as mais carentes da América Latina e do Mundo.

Percebe-se que esse baixo investimento no setor educacional é consequência da má distribuição de renda no país. Nisso também o Banco Mundial confirma os dados: *"Dividindo a população brasileira em cinco fatias, de acordo com a renda, a mais pobre fica com 16% dos gastos. Seguindo de baixo para cima da pirâmide invertida dos investimentos, a segunda fatia fica com 18%, a terceira com 20%, a quarta com 22% e a quinta - mais rica - com 24%."* ¹¹

Apesar de já evidente a desigualdade social presente nestes dados, ela existe ainda muito mais acirrada a ponto de não termos, na prática, uma sociedade economicamente dividida com cinco fatias. O que temos - para ser objetivo - é uma população dividida em duas partes: uma pequena minoria, que detém a maior parte da produção, e uma grande maioria que disputa uma mínima parte que lhe sobra.

Transportando esse quadro para o nível educacional, vemos a existência de duas escolas: uma rica (particular) e outra pobre (pública); uma com professores qualificados, bem pagos, interessados, com material a disposição; outra com professores leigos, mal pagos, desestimulados, com ambiente precária para trabalhar. De um lado uma escola com turmas compatíveis com as

condições de um professor atender dignamente os alunos; de outro lado temos uma com classes superlotadas, o que não possibilita a eficiência do aprendizado.

Notamos que a diferença entre estas duas escolas faz com que a segunda (a pobre) sofra inúmeras conseqüências. Muitos professores desta escola se limitam a exposições orais e ao uso de quadro de giz. São poucos os que promovem debates ou discussões ou que recorrem a atividade de pesquisa em sala de aula. Desta forma, o ensino se torna mecânico e as dificuldades aparecem sobretudo quando o aluno enfrenta situações que exigem raciocínio.

NOTAS DE REFERÊNCIA

-
- ¹ SINEPE\PR-CTBA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. p. 4.
- ² SINEPE\PR-CTBA. P 4 e 5.
- ³ PILERRI, Nelson L. PILETTI, Claudino. **História da Educação**. p 220
- ⁴ PILETTI, p. 211.
- ⁵ SAVIANI, Demerval. **Da Nova LDB ao Plano Nacional de Educação: Por uma outra política Educacional**. p. 80.
- ⁶ PILETTI, 220.
- ⁷ CECCON, Cláudius e outros. **A Vida na Escola e a Escola na Vida**. p. 22.
- ⁸ CECCON. p. 16.
- ⁹ CECCON p. 15.
- ¹⁰ Edison Barbieri. **Educação: A prioridade esquecida**. Rev.: Cidade Nova. p. 11
- ¹¹ Barbieri. p.12.

4 FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Percebemos que a discussão levantada até aqui fez-nos entender (de modo muito geral) que a educação é vista de maneira diferente conforme a cultura que a concebe. A própria história da educação nos mostrou como tem sucedido essa dinâmica.

Essa realidade leva o educador a fazer uma reflexão para melhor exercer sua função na sociedade. e se há necessidade de refletir, digamos que há então necessidade de filosofar a educação.

Todavia a História da Educação (voltamos a nos referir) não esteve isenta de pessoas que, de uma maneira ou de outra buscaram pensar a educação. entretanto, ao olharmos para a educação na realidade - tomando a educação no Brasil - vemos uma grande contradição tanto em relação à lei e a prática, como da prática em relação ao verdadeiro conceito de educação. em outras palavras, a educação brasileira, em geral, não acontece como as pessoas precisam.

Nota-se que isso nos leva a refletir que devemos repensar a educação. tanto se tratando de uma política educacional - que possibilite a existência de uma escola onde todos tenham acesso ao ensino de boa qualidade, como renovar os métodos, currículos, objetivos e conteúdos para que a escola deixe de ser desinteressante para o aluno, passando a ser um local que ele vibre em aprender.

Necessita-se então de uma pedagogia que tenha em conta o desenvolvimento integral da personalidade e que ao mesmo tempo seja crítica

frente à realidade em que a escola está inserida. *"Isso só será possível na medida em que a escola e comunidade, professores e alunos aliarem-se na luta pela democratização da escola e pela implantação de uma filosofia educacional comprometida com a permanente transformação da realidade em que vivemos".* ¹

Vemos que a democratização da escola não está separada da democratização da sociedade. todavia, não se pode esperar que a sociedade mude para que a escola seja democrática. É modificando o seu funcionamento interno que a escola pode ser um reflexo para o "mundo" que está além dela.

O primeiro passo que esses "aliados" devem dar, é lutarem por uma escola que permita acesso a todos. Assim, é preciso que primeiramente, haja espaço onde se possa estudar. Mas não é suficiente que tenha espaço físico; é preciso que a escola tenha qualidade. Daí a necessidade de implantar novas relações no ambiente escolar.

O aluno precisa sentir-se bem na escola para que nela permaneça. Esse "sentir-se bem" muitas vezes é impedido pelo relacionamento - bastantes coercitivos - existentes no ambiente escolar. Existe uma grande distância entre professores, diretores e alunos. Tudo acaba bastante policiado e cumprido por obrigação ou medo. Daí cresce o desinteresse pelo estudo como cresce também a antipatia pela escola.

Professores e alunos devem reconhecer-se como diferentes, mas sem se tornarem rivais. Todos são responsáveis pelo processo ensino-aprendizagem. A educação não se dá apenas na sala de aula. O zelo pela escola também se inclui

nisso. Desse modo todos os funcionários são também educadores na medida em que cumprem sua função para que a escola continue funcionando.

"A democratização qualitativa compreende, portanto, o respeito mútuo entre todas as pessoas envolvidas no trabalho escolar e a participação de todos na busca de objetivos comuns. O diálogo e o trabalho cooperativo (...) devem ser os valores e as práticas predominantes numa escola que pretende educar democraticamente para a democracia." ²

Uma escola democrática deve evidentemente ter a participação da comunidade - é importante essa interação - escola e comunidade - A Escola deve conhecer melhor a realidade do aluno e assim suas necessidades, ao mesmo tempo, a comunidade, ao participar da vida da escola pode contribuir para constituir lideranças populares que compartilhem com os educadores a responsabilidade pela condição da escola através da participação no planejamento, na execução e na avaliação das atividades escolares.

Através da interação, a escola tem presente as condições da comunidade como, habitação, saúde, alimentação, higiene, etc. a comunidade fica por dentro das atividades escolares como encontros culturais e artísticos, avaliações, recreações, etc, e assim contribui para uma educação mais ampla e agradável.

Nesse processo a participação dos professores e alunos é muito importante, pois eles constituem o principal núcleo da educação. Assim é fundamental uma relação afetiva, na qual os alunos não situam o professor como alguém que sabe tudo e que amedronta, nem o professor veja os alunos como seres que só dele dependem para aprender. O diálogo sincero é o caminho

indicado para que, ao invés de adversários que procuram prejudicar-se mutuamente, passem a ser aliados, caminhando juntos numa mesma direção: a construção de um mundo melhor.

Isso requer que os conteúdos, métodos e recursos sejam renovados: que venham a ser interessantes, efetivos e úteis aos alunos; que sejam "*conteúdos vivos, atualizados, articulados criticamente com as realidades sociais presentes*".³

É fundamental que ao ensinar (história, geografia, matemática, português...) se parta da realidade do aluno, fazendo com que esse encontro em seu próprio meio, traga as motivações de se aprender tais conteúdos. Isso não significa que a escola fique presa à cultura local da comunidade; mas que essa seja ponto de partida em direção aos outros. É preciso que se busque um dinamismo

*"Os conteúdos escolares não podem continuar sendo transmitidos como algo morto, estático, que favorece a aceitação passiva."*⁴ qual proporcione ao aluno atitudes como a redescoberta dos conteúdos; que estimule a invenção, cultive a visão de conjunto, e espontaneidade, a liberdade e a participação. O "construtivismo" é uma das metodologias que melhor vem favorecendo a educação do Ensino Fundamental.

*"A didática da sala de aula, do giz e do quadro negro, da voz e da saliva, deve abrir-se para a realidade que rodeia os alunos, levando-os à observação direta das coisas e situações com que convivem."*⁵

o construtivismo é uma teoria elaborada a partir das idéias de Jean Piaget, por Emília Ferreira, educadora mexicana radicada na Argentina. Segundo essa

teoria, o educando é um agente do processo de aprendizagem, ou seja, não apenas recebe, mas também elabora o conhecimento com base na própria experiência de vida.

o uso do construtivismo tem mostrado bons resultados. Em Porto Alegre - RS, o índice de rendimento dos alunos subiu de 60% para 75% e o de evasão caiu de 8,85% para 5%. Também em Minas Gerais e Bahia sabe-se que essa metodologia vem revolucionando sobretudo aos alunos menos favorecidos. Entretanto não há dados precisos.

Percebe-se que sentir-se bem na escola, não significa apenas para o aluno aprender. O aluno poderá também com isso, sentir-se interessado pela escola. Isso o levará a não se contentar com um ensino injusto e precário que ainda predomina. Tendo os filhos interessados pela escola, os pais terão também interesse para que essa seja mais digna. Com isso não admitirão os contrastes que caracterizam a maior parte do ensino. Sentindo a comunidade interessada na educação, os professores também se sentirão estimulados em desenvolver uma prática educativa mais comprometida.

Escola e comunidade unidas e conscientes da importância da educação, empenhar-se-ão na luta em prol da reivindicação de seus direitos frente aos poderes públicos, no que diz respeito à escola e outras necessidades incluídas. Assim não se aceitará mais essa disparidade entre a lei e a prática, a qual a educação convive.

Contudo, a prática só acontece tendo por base uma idéia. Por isso, para que se atinja uma educação renovada, é indispensável que modifiquemos os

nosso conceito de educação e com isso construíamos uma nova filosofia educativa; sabendo-se que esta - a educação - se constitui atualmente como um dos grandes problemas nacionais; tendo presente que muitos a consideram como o principal.

Foi em 1927 que Miguel Couto, numa famosa conferência pronunciada no Rio de Janeiro, a convite da Sociedade Brasileira de Educação, fez a afirmativa que serviu, aliás, de título ao trabalho: "No Brasil só há um problema nacional - a educação do povo".

Percebemos que muitos anos se passaram até os nossos dias, e no entanto o problema permanece o mesmo. Se naquele tempo tinha carência de escolas, atualmente as temos em razoável quantidade, porém carente da qualidade indispensável à boa execução do projeto brasileiro de desenvolvimento sócio-econômico e cultural do seu povo.

"Urge, pois, qualificá-las para desatualizar Miguel Couto e atualizar o Brasil".⁶

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹ PILETTI, Nelson e PILETTI Claudino. **História da Educação**. p. 228

² PILETTI, p. 229.

³ LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da escola Pública: a pedagogia crítico-seocial dos conteúdos**. P. 76

⁴ PILETTI, Nelson e PILETTI Claudino. **História da Educação**. p. 232 e 233.

⁵ SOUSA, Paulo Nathanael Pereira. **Desejos Educacionais Brasileiros**.(livraria pioneira editora)1979. p .22.

⁶ SOUZA. p. 25

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o descaso político para com a educação seja uma realidade tão óbvia, não é prudente levantarmos críticas sem antes realizarmos um levantamento dessa realidade, com bases concretas e atuais

Por outro lado, cabe também possuímos uma visão teórica com bases históricas, Sistematizadas, que venha justificar a nossa exigência. Em outras palavras: para criticarmos a educação (ou outra realidade), precisamos conhecê-la no que criticamos, como também devemos ter claro o que alcançar a partir dessa crítica.

Vale lembrar ainda que ser crítico não consiste em enxergar somente aquilo que discordamos, mas ver a realidade em seu todo, considerando também seus aspectos positivos.

Assim, educar numa perspectiva filosófica não é reproduzir as práticas que contradizem a própria educação, mas enxergar e acreditar em pequenas e progressivas conquistas que já assinalam a realização dos nossos objetivos.

BIBLIOGRAFIA

1. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando; introdução á filosofia**, 2º Ed. Moderna. São Paulo. 1995. 395p
2. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. Moderna. São Paulo. 1994. 214p.
3. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. Moderna, São Paulo, 1993. 188p.
4. BRANDÃO, Rodrigues Carlos. **O que é Educação**. 7º Ed. Brasiliense. São Paulo. 1983. 166p. Col. Primeiros Passos. N.º 20.
5. CECCON, Claudius e outros. **A vida na escola e a escola na vida**. 10º Ed. Vozes. Petrópolis. 1984. 95p.
6. CHAUI, Marilena. **Convite a filosofia**. 3º Ed. Ática, São Paulo. 1995. 440p.
7. COTRIM, Gilberto & PARISI, Mário. **Fundamentos da educação; História e filosofia da educação**. 5º Ed., Saraiva. São Paulo. 1982. 336p.
8. FERREIRA, Aurélio Buarque De Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2º Ed. Nova fronteira. Rio de Janeiro. 1996.
9. FREIRE, Paulo. **El Mensaje de Paulo Freire – Teoria e Prática de la Liberación**. Ed. Fondo de Cultura popular.
10. LIBÃNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública; A Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos**. Loyola. São Paulo. 1985. 149p.
11. MARTINS, Maria Helena, **O que é Leitura**. Brasiliense. São Paulo. 1982. Col. Primeiros Passos n.º 74. 93P.
12. MAURER LANE, T. Silva. **O que é psicologia Social**. 7ºEd. Brasiliense. São Paulo. 1985. Col. Primeiros Passos. 78p.
13. PILETTI, Nelson. **Sociologia da Educação**. Ática. 3º Ed. São Paulo. 1986. 240p.

14. PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. Ática. 3º Ed. São Paulo. 1986. 192p.
15. PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino. **História da educação**. 2º Ed. Ática. São Paulo. 1993.
16. PRADO, Caio. **O que é Filosofia**. 4º Ed. Brasiliense. São Paulo. 1982. 104p. Col. Primeiros Passos. N.º 37.
17. Edilson Barbieri. **Educação: a prioridade esquecida**. Revista Cidade Nova. São Paulo n.º 8 Agosto de 1996. P 11-13.
18. José Roberto de Toledo. **O nordeste tem polígono do analfabetismo**. Folha de São PAULO. São Paulo, 24 de Março de 1996. Brasil. Educação 1-8.
19. Ari Cipola. **Na Bahia, professores recebem salário de R\$23**. Folha de São Paulo. São Paulo, 24 de Março de 1996. Brasil, Educação.
20. André Muggiati. **Isolamento dificulta ensino em Piauí (AM)**. Folha de São Paulo. São Paulo, 24 de Março de 1996. Educação 1-8.